

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO
- WOMEN'S FILM FESTIVAL
6 de Novembro de 2025

QUO VADIS, AIDA? / 2020

de Jasmila Žbanić

Realização e Argumento: Jasmila Žbanić / Direção de Fotografia: Christine A. Maier / Montagem: Jaroslaw Kamiński / Direção Artística: Hannes Salat / Guarda-roupa: Malgorzata Karpiuk, Ellen Lens / Música: Antoni Łazarkiewicz / Produção: Jasmila Žbanić, Damir Ibrahimovich, Bruno Wagner, Barbara Albert, Antonin Svoboda, Cristian Niculescu, Nicolas Eschbach, Eric Névé, Margaux Juvénal, Gabriele Simon / Interpretações: Jasna Đuričić (Aida Selmanagić), Izudin Bajrović (Nihad Selmanagić), Boris Isaković (General Ratko Mladic), Johan Heldenbergh (Coronel Karremans), Raymond Thiry (Major Franken), Boris Ler (Hamdija Selmanagić), Dino Bajrović (Sejo Selmanagić), Emir Hadžihafizbegović (Joka), Edita Malovcic (Vesna) / Cópia: DCP, a cores, falado em servo-croata e bósnio, com legendas em português e eletronicamente em inglês / Duração: 104 minutos / Estreia Mundial: 3 de setembro de 2020, Festival de Veneza / Estreia Nacional: 3 de junho de 2021 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Toda a experiência deste filme nasce da desorientação: a de uma mãe que tenta salvar o marido e os seus dois filhos; a de uma comunidade internacional que entrega civis inocentes aos invasores sérvios, chefiados por um “monstro” (é assim que é descrito, pela alta patente do exército da NATO, o “carneiro da bósnia”, Ratko Mladić, entretanto condenado a prisão perpétua por crimes contra a humanidade) e a de uma humanidade que se liquida em tudo o que a define, como sejam os valores supremos da vida e da dignidade humana. O filme podia concentrar-se ainda mais nessa desorientação, que é muito concreta, muito física, da protagonista Aida, uma tradutora bósnia ao serviço da ONU quando teve lugar um massacre que vitimou mais de 8 000 civis em Srebrenica. Aida dá por si numa situação em que pode salvar a sua própria família da mais do que previsível chacina sérvia, acabando, no entanto, por ficar sempre à beira de ter de tomar decisões impensáveis sobre quem salvar. Decisões ou escolhas que lembram, entre outros filmes, o de Alan J. Pakula com Meryl Streep, **Sophie's Choice** (1982), remetendo-nos, enfim, para a problemática da representação do horror mais inominável: o dos campos de concentração.

Jasmila Žbanić poderia ter procurado assimilar mais inteiramente uma obra como **Saul fia/O Filho de Saul** (2015) de László Nemes, pois, em certa medida, observa o mesmo princípio de acompanhar uma personagem nas suas indagações, só que infelizmente não segue tão próximo da pele a sua protagonista como faz Nemes com o seu *sonderkommando* em Auschwitz, havendo uma tendência para a dispersão do drama ou para uma estetização quase televisiva da ação ou do esforço de reconstituição histórica. O filme de Nemes buscava um ângulo justo – apesar de tudo, possível – para a representação desse horror, fazendo da desorientação do corpo, no qual a câmara se

fixara, um modo perceptivo que se colava, digamos assim, ao nosso olhar. Resulta, da adoção deste dispositivo formal, uma proposta de cinema que, mais até do que nos transportar para uma realidade histórica, consegue verter em nós aquele contexto histórico, tornando-o uma forma de atordoamento perceptivo – um mal-estar físico com que temos de lidar durante e depois da sessão – em face a esse horror perpetrado entre iguais; de homens atentando contra a sua e, logo, contra toda a humanidade. Um mal-estar o mais agarrado possível à pele do drama. Em entrevista (concedida a Marta Bałaga, «Jasmila Žbanić – Director of *Quo Vadis, Aida?*, *Cineuropa*, 14 de dezembro de 2020), a realizadora, natural da Bósnia, que obteve um amplo reconhecimento internacional com um filme sobre os efeitos da guerra na Bósnia, **Grbavica/Filha da Guerra** (2006), revelou que “queria que as pessoas sentissem como era, questionando-se: ‘O que faria eu?’ Que se identificassem com Aida e por onde ela anda. Queria que o público fosse ativo”. Digamos que este objetivo aproxima **Quo Vadis, Aida?** do referido **O Filho de Saul**, mas só sentimos essa imersão total nos minutos finais, quando a nossa protagonista, tão ou mais desorientada do que antes (no olhar, a guerra continua, o trauma perpetua-se), enfrenta a “nova normalidade” do pós-guerra, de volta às ruas da cidade outrora devastada, de regresso ao quotidiano enquanto professora de liceu (a sua antiga profissão).

No seu rosto “em branco”, projeta-se uma perplexidade sem fim: a guerra tirou-lhe tudo e, agora, os autores do massacre são vizinhos, pais de alunos seus, que levam vidas despreocupadas como se tudo não tivesse passado de um “sonho mau”. É essa estupefação ou perplexidade, impossível de pôr em palavras, que é brutalmente interpretada pela atriz Jasna Đuričić – esta fá-lo na imobilidade do corpo, no rosto emudecido e, acima de tudo, no olhar vazio. Com efeito, poucos filmes contemporâneos mostraram a assimilação da barbárie, no dia-a-dia, com esta pungência e nos acometeram – a nós, espectadores “ativados” pela guerra sem nome que tem lugar hoje na Ucrânia – da impossibilidade de reagirmos, pelo menos, ou tão somente, com quaisquer palavras. Se saímos quase mudos de um filme como este – desta “realidade da guerra” assim representada, em diálogo direto com esta outra, bem presente em todos nós – podemos acabar por nos interrogar: para onde podes ir e o que podes fazer – aonde ainda não foste e o que é que ainda não fizeste – para proteger o vínculo a esta frágil e torturada Família do Homem?

Luís Mendonça